

Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si^I

Odilon Caldeira Neto^{II}

Resumo: Gustavo Barroso exerceu, durante os anos de 1933 a 1938, papel central na organização e ideologia integralista. As obras antissemitas do autor foram um grande marco referencial não somente na literatura integralista, mas também do antissemitismo nacional. Objetiva-se, neste trabalho, compreender de que forma o autor buscou objetivamente silenciar e minimizar esses aspectos de sua vida, após desligar-se oficialmente do integralismo.

Palavras-chave: Gustavo Barroso, Integralismo, Antissemitismo.

GUSTAVO BARROSO AND FORGETFULNESS: INTEGRALISM, ANTI SEMITISM AND WRITING ITSELF

Abstract: Gustavo Barroso exercised during the years 1933 to 1938, central role in Brazilian Integralism Action's structure and ideology. The works of the author were a reference point not only in integralism literature, but also the Brazilian national anti-Semitism. The objective, in this work, is to understand how the author tried to silence objectively and minimize those aspects of his life, after hanging up officially this fascist movement.

Keywords: Gustavo Barroso, Integralism, anti-Semitism.

Artigo recebido em 10/09/2012 e aceito em 27/02/2013.

O integralismo (ou a Ação Integralista Brasileira - AIB), ao mesmo tempo em que produziu uma análise da sociedade nacional dos anos 1930, buscando para tal a inserção de uma doutrina de cunho fascista no Brasil^{III}, projetou olhares ao passado, almejando encontrar nesse passado nacional as causas das mazelas nacionais, assim como os motivos pelo qual a práxis integralista alcançaria um movimento chave para o desenvolvimento do país e da própria história, de uma maneira teleológica.

Dessa forma, a construção de uma visão da história era destinada não somente em relação ao *entendimento* do passado, mas também da utilização deste passado determinado para um fim específico: dar à história o sentido que lhe era necessário e conveniente às ambições integralistas. Plínio Salgado, neste aspecto, buscou compreender o desenvolvimento da história em quatro estágios, sendo que o último destes estágios (chamados de humanidades) haveria de ser a “Humanidade Integral”, estágio-final no qual a sociedade brasileira viveria em completa harmonia, sem luta de classes e com a hegemonia da doutrina integralista em prática.

[...] E criará uma nova autoridade, baseada numa concepção de origem e finalidade do mundo. E criará um novo processo de relações sociais e econômicas. E criará o Estado Integralista, consultando, a um tempo, a aspiração do Infinito da criatura humana e as contingências da vida material.^{IV}

Essa visão teleológica do integralismo exerceu grande fascínio na coletividade dos camisas e blusas-verdes, não somente na militância de base, mas também na alta cúpula integralista. O “ritmo” da história, porém, dissonante como o é, “destruiu” a maioria das ambições integralistas, em grande parte devido ao fim da AIB, momentos após o início do Estado Novo.

Se, por um lado, alguns integralistas (sobretudo o *chefe nacional* Plínio Salgado) persistiram na ambição de rearticulação da doutrina do Sigma, fosse por meio do Partido de Representação Popular (PRP), da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ), ou de diversas outras organizações - até os integralistas no tempo presente (neointegralistas), inúmeros outros ex-integralistas buscaram reordenar a memória dos tempos de militância nas *fileiras do sigma*, de forma que este período na vida de cada um fosse devidamente *explicado*, a partir de um claro processo de construção de memória, por meios objetivos e/ou subjetivos, tornando “aceitável”, deste modo”, em pleno contexto do pós-guerra, a antiga participação em um movimento de cunho fascista.

Evidentemente, quanto maior tenha sido a inserção destes indivíduos no integralismo, assim como a posição ocupada perante a rígida hierarquia do movimento, mais problemática seria a tarefa de rearticulação e construção da memória referente ao passado integralista. Miguel Reale (ex-chefe de doutrina da AIB), por exemplo, tratou de criticar o modelo de corporativismo estatal (Estado Integral) defendido pelo integralismo durante a AIB, argumentando que só teve real noção do que tal proposta poderia significar ao Brasil, após conhecer concretamente o modelo, em visita à Itália (1938), ou seja, um exemplo prático extremamente burocrático, diferente daquilo que teria imaginado^V.

O caso de Gustavo Barroso, objeto central de análise, ilustra bem o quanto problemático tornam-se estas trajetórias autoritárias na memória de ex-integralistas, não somente no âmbito pessoal (autobiográfico), mas inclusive para as ambições de retomada do integralismo, movimentação esta que ainda encontra entusiastas na atualidade^{VI}.

Gustavo Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888, na cidade de Fortaleza-CE. Órfão de mãe dias após o nascimento fora educado por uma avó e tias

paternas, com o auxílio de seu pai.^{VII} No ano de 1899, ingressou em um dos colégios mais tradicionais do estado, o Liceu do Ceará, de onde saiu após se formar em 1906. Em 1907, fora aceito para estudos na Faculdade de Direito do Ceará, embora tenha finalizado a formação acadêmica na cidade do Rio de Janeiro, em 1912 (Faculdade de Direito), dois anos após mudar-se à então capital Federal. Foi no ano de 1912 que Barroso publicou sua primeira obra – “Terra do Sol”, sob o pseudônimo de João do Norte – e filiou-se ao Partido Republicano Federal, no qual permaneceu até o ano de 1918.

No ano de 1915, Barroso foi eleito deputado federal pelo estado do Ceará, cargo que ocupou até 1917. Em 1922, foi um dos principais idealizadores e fundadores do Museu Histórico Nacional. No ano seguinte, tornou-se imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde exerceu o cargo de presidência em quatro oportunidades (1932, 1933, 1949, 1950)^{VIII}, assim como de secretário (1928, 1931, 1949). Além da função de político, advogado e escritor, Barroso já detinha relativa notoriedade nacional, inclusive devido à sua atuação como jornalista, função que começara a exercer desde jovem no Ceará, chegando a dirigir a Revista *Fon-Fon!*, no Rio de Janeiro.

Em 1933, Barroso aderiu ao integralismo e, apesar de não ter participado do processo de fundação da AIB, tornou-se um dos principais ideólogos e doutrinadores dos camisas-verdes. Até o momento final da existência legal da Ação Integralista Brasileira (1938), Gustavo Barroso dedicou-se profundamente à doutrina e fileiras do Sigma. Tal comprometimento era tamanho e tão evidente, de modo que Barroso ia trajado com o uniforme típico integralista (camisa verde, calças brancas ou pretas e gravata preta) nas reuniões ocorridas na Academia Brasileira de Letras.

Barroso participou do I Congresso Nacional Integralista, realizado em Vitória/ES entre fevereiro e março de 1934, quando foi empossado do cargo de comandante-geral das milícias integralistas. Tal função correspondia ao segundo cargo mais alto do escalão da hierarquia do movimento, juntamente com a chefia de doutrina (Miguel Reale) e abaixo somente da chefia nacional (Plínio Salgado). Esta organização, contudo, não era limitada somente a questões organizacionais, de modo que os três maiores líderes integralistas eram também os principais doutrinadores e ideólogos do movimento.

O conjunto das obras doutrinárias do integralismo escritas por Gustavo Barroso são marcadas profundamente pelo antissemitismo, embora as primeiras destas – “O integralismo em marcha” (1933) e “O integralismo e o mundo” (1933) - não apresentassem o teor (ou a intensidade) que seriam traço marcante nas obras que viriam a seguir.

Em 1934, a partir do lançamento de “Brasil: Colônia de banqueiros”, o antissemitismo tornou-se, de fato, peça central das obras integralistas de Gustavo Barroso. Nesta obra, o autor integralista aborda a formação histórica e econômica do Brasil a partir da análise dos empréstimos contraídos entre os anos 1824 e 1934. Esta prática de empréstimos e dívidas brasileiras seriam, para o autor, uma das evidentes estratégias utilizadas pelos judeus para a escravização do povo brasileiro, além de plataforma para a inserção dos conspiradores na vida política e econômica brasileira.

A trama conspiratória enunciada na obra de Barroso é claramente identificada com elementos e teores oriundos de obras como “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, clássico título apócrifo antissemita, que busca sustentar a existência de um plano subalterno das elites judaicas, visando à dominação mundial e destruição dos valores nacionais e cristãos. Segundo os “Protocolos”, os judeus estariam infiltrados em diversos setores das sociedades, em inúmeras nações, durante os tempos mais remotos, em busca da subversão e destruição da ordem, assim como o controle da política e da

economia, em benefício do suposto complô. Como estratégia para a conquista e manutenção deste poder, os judeus deveriam subverter toda a ordem moral estabelecida nas sociedades, utilizando para tal a imprensa, as artes, a música, as distorções religiosas etc.

O antissemitismobarrosiano não ficou restrito somente a uma obra, de modo que permaneceu enquanto elemento central em diversas outras obras integralistas do autor. Em algumas delas, Barroso buscava defender uma visão histórica que levava em conta a existência do referido complô judaico na trajetória da humanidade, enquanto em outras o teor das *denúncias* limitava-se à sociedade e história brasileira, como no caso de “A Sinagoga Paulista” (1937)^{IX}. Em 1936, Barroso traduziu os “Protocolos” para a língua portuguesa, adicionando uma introdução ao texto original, contendo uma defesa sobre a “autenticidade” da obra em questão, afirmando que os “Protocolos” seriam absolutamente autênticos^X.

Dessa maneira, é possível notar a significação e importância do discurso antissemita na formação do pensamento integralista de Gustavo Barroso; além do fato que tais obras alçam o autor à categoria de um dos maiores – senão o maior – disseminador e fomentador do antissemitismo da história brasileira. Esta condição é constituída não somente pela quantidade e teor das obras antissemitas por ele produzidas, mas também devido ao alcance dessas obras na sociedade brasileira dos anos 1930, principalmente se for levado em conta a inserção territorial do integralismo.

Ainda que a estimativa oficial de mais de um milhão de adeptos e militantes integralistas fosse superestimado (fruto de estratégias de disseminação e consolidação da AIB), o integralismo foi, de acordo com Cavalari^{XI}, o primeiro movimento político de massas do Brasil. Dentro do aparelho organizativo de um partido de massas, fator essencial era justamente o grande esquema de disseminação da ideologia integralista, de modo que alguns trechos de livros de Barroso eram reproduzidos, na íntegra ou resumidos (e comentados) em diversos periódicos integralistas de circulação em âmbito municipal até nacional, abrangendo, portanto, um grande número de indivíduos, inclusive denão filiados à AIB.

A julgar pela disseminação desses textos por meio de diversos periódicos integralistas, além da recomendação constante aos membros da AIB para que comprassem vários livros de Barroso (seção “Biblioteca Integralista” nos periódicos do movimento/partido), é possível supor que a alta cúpula integralista apoiava – ou ao menos era conivente – com o explícito antissemitismo de Gustavo Barroso.

No entanto, a questão antissemita no integralismo não pode ser compreendida somente na constatação da existência de discursos antissemitas e pela disseminação destes para a militância de base. Mesmo com a ocorrência de diversos outros casos de militantes e dirigentes integralistas que se aproximavam – ou mesmo reproduziam – os teores antissemitas expressos nos livros de Barroso^{XII}, havia uma crescente resistência da chefia nacional (Plínio Salgado) em apoiar abertamente os pressupostos desta ala mais radical do integralismo.

De fato, o antissemitismo de Gustavo Barroso significou a formação de uma tendência mais próxima ao nazismo dentro da AIB, fato que não era apreciado por Plínio Salgado, não somente pela aproximação com o discurso e radicalismo do nacional-socialismo alemão, mas sobretudo por questões de disputa de poder no movimento integralista. O ápice desta disputa ocorreu quando Salgado criticou publicamente Barroso e o antissemitismo, afirmando que o problema nacional era primordialmente *ético e não étnico*^{XIII}. Adiante, os textos de Gustavo Barroso foram suspensos temporariamente de publicação na imprensa integralista.

Discutir se a inserção do antissemitismo no integralismo estava de fato reclusa somente a Gustavo Barroso na tríade chefia, requer uma análise mais apurada do contexto e das decorrências históricas da AIB. No entanto, é inegável que, ao menos para Barroso, a “questão judaica” era elemento central dentro de sua ideologia e militância integralista. Da mesma forma que Barroso defendia publicamente o integralismo, comparecendo trajado com o uniforme integralista nas reuniões da ABL, aproveitava estes momentos para propagandear suas posturas antissemitas, inclusive denominando os judeus enquanto “lixo humano”^{XIV}.

No entanto, ainda que o integralismo e o antissemitismo tenham figurado em posição de destaque na produção intelectual integralista de Gustavo Barroso, tais discursos foram abandonados após a dissolução do integralismo pelo Estado Novo. De acordo com Hélio Silva, após o fim da AIB, Gustavo Barroso participou da formação da tentativa do frustrado *putsch* integralista ao Palácio da Guanabara em 1938^{XV}.

Com o fracasso da tentativa de golpe e a decorrente perseguição política ao integralismo e integralistas pelo Estado Novo, Barroso permaneceu durante certo tempo na tentativa de viabilizar o afrouxamento desta perseguição, inclusive servindo a Plínio Salgado, tanto na perspectiva de reunir e organizar os integralistas então dispersos, assim como buscar reaproximações com Getúlio Vargas, sobretudo durante o período de exílio de Plínio Salgado em Portugal.

Quando Plínio Salgado retornou ao Brasil e iniciou a rearticulação do integralismo no contexto do pós Estado Novo, Gustavo Barroso já havia rompido com o integralismo, de forma que não participou da gestação da principal organização integralista no pós-guerra, o Partido de Representação Popular (PRP)^{XVI}. As atividades profissionais de Barroso após o período de dedicação exclusiva à AIB seguiram no ramo da literatura e principalmente da museologia, devido ao cargo de direção do Museu Histórico Nacional.

Conforme enunciado anteriormente, o fim da AIB significou a muitos ex-militantes a derrota de um sonho no qual depositaram profundas esperanças. Gustavo Barroso foi um destes camisas-verdes, que se dedicaram intensamente na articulação e disseminação do integralismo. A dissolução da AIB e a intensa propaganda contrária ao integralismo durante o Estado Novo, assim como a derrota do *nazifascismo* na Segunda Guerra Mundial e a *denúncia* da vinculação dos integralistas a estes regimes (apontados como agentes do eixo e traidores da pátria), potencializaram a consolidação de episódios problemáticos para a memória de alguns indivíduos, no caso, aqueles em referência ao período de atuação junto ao Sigma.

Obviamente, para alguns indivíduos a participação no integralismo não era uma questão problemática, seja por conta da continuação no integralismo via PRP, CCCJ e outras organizações, ou mesmo no caso daqueles que *assumiram* o “erro” e buscaram outros caminhos (às vezes diametralmente opostos às prerrogativas pregadas pela AIB, como o caso de Dom Hélder Câmara^{XVII}). O exemplo de Gustavo Barroso, entretanto, indica que o integralismo fora um aspecto delicado na construção da memória deste, processo constatado sobretudo por meios da escrita autobiográfica.

Logo após se desvincular do integralismo em 1938, Gustavo Barroso passou a escrever obras de cunho autobiográfico, que foram lançadas nos três anos posteriores: “Coração de Menino” (1939), “O Liceu do Ceará” (1940), e “O Consulado da China” (1941). Nestas obras, apesar - ou justamente por conta - da proximidade temporal com a experiência de vida junto à AIB, há uma evidente minimização não somente da fase integralista do autor, mas também grande parte do período vivido no Rio de Janeiro, de modo que o período da vida em que Barroso residiu no Ceará é majoritariamente

relembrado, descrito como um período de pureza infantil e felicidade, mesmo com todas as dificuldades vividas.

A referência ao então recente passado integralista é vista de forma extremamente melancólica, abordando, desta maneira, não somente o fracasso da empreitada integralista, mas também a marginalização que o autor sofreu e estaria supostamente sofrendo por conta deste período de vida e atuação política. A questão da participação no integralismo e, conseqüentemente, a profusão de ideais racistas – no caso, principalmente o antissemitismo, embora não tenham sido sumariamente apagadas/esquecidas são claramente minimizadas.

Quando próximo ao fim de sua vida, Gustavo Barroso recebeu uma série de homenagens nas dependências do Museu Histórico Nacional, na ocasião de comemoração dos seus setenta anos de vida (1958). Nestas comemorações, além da inauguração de um busto de bronze nas dependências do Museu, ocorreram diversas outras homenagens, tais quais discursos de companheiros profissionais, além da proposta da mudança do nome do “Curso de Museus” para “Curso Gustavo Barroso”^{xviii}.

Neste evento, Barroso discursou, lembrando novamente aspectos marcantes de sua vida, ressaltando a sua dedicação ao nacionalismo, por conta dos estudos da História Militar, além de outras temáticas tais qual o *banditismo*. Passados dezessete anos após a publicação de sua última obra de cunho biográfico, Barroso reiterou novamente o profundo desgosto que sentia perante a alta intelectualidade carioca, ao mesmo tempo em que lembrava com forte apego o período de infância e juventude vivida no estado do Ceará.

Estes acontecimentos demonstram como Gustavo Barroso empreendeu uma clara tentativa de construção de memória autobiográfica e escrita de si, elencando quais aspectos de sua vida, de maior valor, seriam deixados à posteridade. Aspectos como estes demonstram, conforme aborda Helenice Silva^{xix}, o quão evidente é a necessidade de o pesquisador reconhecer e (se possível for) delimitar quais são os aspectos de silenciamento, esquecimentos e não-ditos nas memórias, sobretudo nas pesquisas que lidam com dados e narrativas biográficas e de construção de memória

Há, no caso de Barroso, uma clara tentativa de construção biográfica, manejada de forma a resguardar o conveniente e silenciar o que foi julgado inconveniente pelo próprio sujeito e ator histórico. É necessário, portanto, adotar um procedimento de análise que leva em conta a memória como algo construído, permeado por relações de poder hierarquizantes, destinados a fins diversos e que, no caso de Gustavo Barroso, buscam ordenar de forma objetiva os fatos de sua vida.

Especificamente sobre a questão das relações de poder intrínsecas ao processo de construção de memória, é necessário atentar para o fato que o próprio discurso antissemita já era tratado por Gustavo Barroso, senão com ressalvas, ao menos em um tom explicativo, justamente no período próximo ao fim da AIB.

No livro “Reflexões de um Bode” (1937), Barroso afirma que não havia escrito uma linha sequer contras os judeus até ingressar no integralismo, ainda que detivesse certo conhecimento sobre o tema, embora não o bastante para neste “imprimir uma atitude espiritual”^{xx}. O contato de Barroso com as teorias discriminatórias antissemitas teria se dado, inicialmente, segundo o autor, via dois integralistas: Madeira de Freitas, que havia lhe emprestado uma edição na língua francesa de “Os Protocolos”, e o próprio *chefe nacional* Plínio Salgado, que, após uma longa conversa sobre a temática em questão, teria despertado em Barroso a necessidade em aprofundara análise acerca da ação dos judeus na sociedade ocidental, sobretudo no Brasil.

Ainda que esta afirmação não seja conclusiva em uma possível análise da gestação do antissemitismo barrosiano, seja ele antes ou pós-ingresso à AIB, pode ser mais um indício da grande disputa de poder que ocorreu dentro do integralismo dos anos 1930, sobretudo entre Gustavo Barroso e Plínio Salgado. Conquanto seja praticamente impossível – ao menos com as fontes que até então a historiografia detêm – determinar se Gustavo Barroso fora de fato doutrinado no antissemitismo por Plínio Salgado, parece-nos extremamente aceitável supor que tal afirmação de Barroso está inserida em uma relação de poder concreta existente no interior da AIB.

Ao mesmo tempo, há indícios que tal afirmação sugere a construção de uma provável memória posterior ao integralismo, sobretudo pelo fato de tal livro ter sido lançado em 1937, anos após o citado embate público entre Salgado e Barroso sobre a questão do antissemitismo no integralismo, assim como manifestações não integralistas, contrária ao racismo de Barroso^{XXI}.

Tomando em conta a memória construída sobre Gustavo Barroso, principalmente aquela que contém indícios latentes de participação ativa deste no processo de construção, é possível notar a hierarquização de episódios e fases de vida, gerando, deste modo, maximizações e minimizações de determinados períodos, além da questão da criação de uma diversidade de maneiras como Gustavo Barroso poderia (e desejaria) ser lembrado.

A questão da diversidade a que nos referimos, diz respeito fundamentalmente à própria multiplicidade de atuações de Gustavo Barroso em vida, não somente na questão profissional, que inclui os papéis de museólogo, historiador, político, advogado, entre outros, mas também da própria diversidade de produção intelectual do autor. Gustavo Barroso exerceu atividades marcantes na produção de uma História Militar nacionalista brasileira, assim como em outras áreas, como a já citada questão dos patrimônios históricos, além dos estudos sobre o cangaço (que, de acordo com Ferreras, teve Barroso como fundador de tal área de estudo^{XXII}).

Tal diversidade de temáticas e atuações profissionais possibilitou e potencializou a tentativa de Gustavo Barroso em buscar a construção ativa sobre a forma como seria lembrado, levando a maximizar alguns aspectos e minimizar outros. Os principais pontos que deveriam, portanto, serem lembrados, seriam as atividades ligadas ao nacionalismo (a que Gustavo Barroso intitulava *campanha nacionalista*).

Neste aspecto, a produção voltada ao militarismo constava como “obra prima” de uma vida, que incluía não somente as produções historiográficas militaristas, mas também outros aspectos relevantes e circunscritos neste grupo *nacionalista* e militar, tal qual o Museu Histórico Nacional, ou mesmo atuações políticas, como o projeto-lei apresentado por Gustavo Barroso em 1917 (enquanto era deputado federal), propondo a criação dos Dragões da Independência^{XXIII}.

Apesar do integralismo de Gustavo Barroso ser marcado tanto pelo nacionalismo, quanto pelo militarismo (sobretudo por conta da liderança à frente das milícias integralistas), este período figura como o maior objeto de esquecimento dentro da memória construída. Os fatos apresentados corroboram a proposição de quão problemático havia sido o passado vinculado ao integralismo para diversos ex camisas-verdes, em particular para o caso em questão.

Ainda que tenha havido uma tentativa de silenciamento e/ou apagamento de passagens da memória em Gustavo Barroso, a produção historiográfica sobre o autor atesta que houve – e ainda há – a busca pela compreensão da história a partir de análise de questões que, para os diretamente envolvidos, haveriam de ser esquecidas. Isto sinaliza, portanto, para a constante preocupação na busca pelo não-dito nas produções

históricas sobre a memória, sejam elas autobiográficas ou não, justamente por conta do distanciamento desta - e a da própria história - da neutralidade.

^IO presente artigo é fruto de desenvolvimento gerado a partir de comunicação intitulada “Entre a conservação, o apagamento e a diversidade: aspectos da construção de memória em Gustavo Barroso”, realizada no IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo, ocorrido na Universidade Federal de Juiz de Fora..

^{II} Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: odi1984@gmail.com, <http://odiloncneto.com>.

^{III} Sobre a discussão do caráter fascista não-mimético do integralismo, ver TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974. Há estudos que buscam fazer uma crítica à categorização do integralismo enquanto movimento explicitamente fascista, o principal deles é a seguinte obra: CHASIN, J. *O integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas Ltda, 1976.

^{IV} SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. In: SALGADO, Plínio. *Obras Completas* (Vol. 5). São Paulo: Editora das Américas, 1955, p. 64.

^V *O professor Miguel Reale revela as atividades secretas do atual Ministro da Justiça*, Diário de Notícias, 12.5.1945, p.3. In: CALIL, Gilberto. *O Integralismo no Pós-Guerra: A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, P. 97. Sobre o assunto, cf. CALDEIRA NETO, Odilon. Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 11, n. 126, pp. 178-186, 2011.

^{VI} Cf. CALDEIRA NETO, Odilon. *O Neointegralismo e a questão da organização partidária*. *Revista Eletrônica Boletim do TEMPO (UFRJ)*, Ano 6, Nº18, Rio, 2011.

^{VII} CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde*. In: *Anais – XXI Encontro Regional de História (ANPUH/RJ)*, UERJ, 2007.

^{VIII} *Biografia – Gustavo Barroso – Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=617&sid=213>> (acesso em 10 mai. 2010).

^{IX} Cf. CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 1992; MAIO, Marcos Chor. *“Nem Rotschild nem Trotsky”*: O Pensamento Anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

^X BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Porto Alegre: Revisão Editora, 1989, p.55 (Sobre a questão das falsificações dos “Protocolos”, cf. ROSENFELD, Anatol. *Mistificações Literárias: “Os Protocolos dos Sábios de Sião”*. São Paulo: Perspectiva, 1976 e COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou realidade? – Análise dos Protocolos e Outros Documentos*. São Paulo: IBRASA, 1969.).

^{XI} CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

^{XII} Oswaldo Gouvêa, Tenório D’Albuquerque, Arnor Butler Maciel, Monteiro de Mello, entre outros.

^{XIII} *Panorama*, 1(4-5), abril-maio, 36: 3-5 in TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

^{XIV} COUTINHO, Amélia. Gustavo Barroso. In: ABREU, Alzira Alves de ET AL. (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Ed. FGV/CPDOC, 2001.

^{XV} SILVA, Hélio. *1938: Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

^{XVI} Sobre o Integralismo no pós-guerra e a formação do PRP, cf. CALIL, Gilberto. Op. Cit.

^{XVII} Referente à trajetória de Dom. Helder Câmara na Legião Cearense do Trabalho, na AIB e o posterior rompimento com o integralismo, conferir PILETTI, Nelson. *Dom Helder Câmara: o profeta da paz*. São Paulo: Contexto, 2008.

^{XVIII} O curso, idealizado por Barroso, era destinado a formar profissionais na área de museologia. A reivindicação não foi atendida.

^{XIX} SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

^{XX} BARROSO, Gustavo. *Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora Ltda., 1937.

^{XXI} Dentre estas, houve a tentativa de formação de um Comitê Anti-Integralista na cidade de Belo Horizonte, organizado por Isaías Golgher, com o apoio da União Israelita de Belo Horizonte. (FRIDMAN, Fania. *Paisagem Estrangeira: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007, p. 106.).

^{XXII}FERRERAS, Norberto O. Facundo no Sertão: Gustavo Barroso e o cangaceirismo In: *História & Perspectivas*, Uberlândia (29 e 30): Jul./Dez. 2003/Jan./Jun. 2004, p. 167.

^{XXIII}1º Regimento de Cavalaria de Guardas, em referência à Guarda Imperial criada por D. João em 1808. A aprovação final do projeto-lei de Gustavo Barroso foi tardia, ocorrendo somente no ano de 1927.

Bibliografia

BARROSO, Gustavo. *A Sinagoga Paulista*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: ABC Ltda., 1937.

_____. *Brasil – Colônia de Banqueiros (História dos empréstimos de 1824 a 1934)*. 5. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

_____. *Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Da Costa, 1941.

_____. *Coração de menino*. 3a Ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2000

_____. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio M. da Costa, 1940.

_____. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Porto Alegre: Revisão Editora, 1989.

_____. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Porto Alegre: Revisão, 1989.

_____. *Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora Ltda., 1937.

CALDEIRA NETO, Odilon. Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas. *Revisa Espaço Acadêmico*, v. 11, n. 126, pp. 178-186, 2011.

_____. O Neointegralismo e a questão da organização partidária. *Revista Eletrônica Boletim do TEMPO (UFRJ)*, Ano 6, Nº18, Rio, 2011.

CALIL, Gilberto. *O Integralismo no Pós-Guerra: A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde. In: *Anais – XXI Encontro Regional de História (ANPUH/RJ)*, UERJ, 2007.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHASIN, J. *O integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas Ltda, 1976.

COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou realidade? – Análise dos Protocolos e Outros Documentos*. São Paulo: IBRASA, 1969

COUTINHO, Amélia. Gustavo Barroso. In: ABREU, Alzira Alves de ET AL. (org.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930. Rio de Janeiro: Ed. FGV/CPDOC, 2001.

CYTRYNOWICZ, Roney. Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 1992.

FERRERAS, Norberto O. Facundo no Sertão: Gustavo Barroso e o cangaceirismo In: História & Perspectivas, Uberlândia (29 e 30): Jul./Dez. 2003/Jan./Jun. 2004.

FRIDMAN, Fania. Paisagem Estrangeira: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

MAIO, Marcos Chor. "Nem Rotschild nem Trotsky": O Pensamento Anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PILETTI, Nelson. Dom Helder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSENFELD, Anatol. Mistificações Literárias: "Os Protocolos dos Sábios de Sião". São Paulo: Perspectiva, 1976.

SALGADO, Plínio. Obras Completas (Vol. 5). São Paulo: Editora das Américas, 1955.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

SILVA, Hélio. 1938: Terrorismo em Campo Verde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

TRINDADE, Héliogio. Integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1974.